

Sarney nega choque e apostava em Maílson

13
La Paz (Celson Franco — enviado especial) — O presidente José Sarney afirmou ontem em La Paz, momentos antes de embarcar para o Brasil, que não vai aplicar nenhuma medida de choque à economia brasileira, para conter o processo inflacionário que, no mês passado, atingiu o índice de 24,4%.

O Presidente da República observou que o Governo brasileiro continuará atacando as causas estruturais da inflação, o déficit público, principalmente, «o que nos permitirá chegar ao fim do ano com um déficit de 4%».

Prometeu então depois de garantir que o plano econômico apoiado pelos governadores será mantido — que o seu sucessor, a ser eleito nas eleições de 15 de novembro do ano que vem, encontrará um orçamento com o déficit zerado.

Quanto à proposta do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, de aplicar um redutor inflacionário, o presidente José Sarney não quis se manifestar, preferindo afirmar que «estamos prestigizando, fortificando e ajudando ao máximo a ação dos ministros Maílson e João Batista, porque eles são os responsáveis por nossa política econômica, e nós depositamos toda a confiança no trabalho que eles estão realizando».

Aposta

Um repórter chegou a observar ao presidente José Sarney que existe, no Brasil, quem esteja apostando que o ministro Maílson da Nóbrega deixará logo o Ministério da Fazenda. Ouviu a seguinte resposta: «Vai perder com certeza».

O presidente José Sarney informou ontem que deverá resolver, nesse final de semana, a questão relativa à indicação dos novos ministros da Cultura, da Reforma Agrária e da Ciência e Tecnologia.

O Presidente da República pas-

sará os dias de hoje e de amanhã discutindo o assunto, devendo reunir seu «conselho político» — ministros de Estado e lideranças do Governo na Câmara e no Senado — para resolver logo a questão.

A tendência do presidente José Sarney, segundo alguns de seus assessores, é manter os ministérios.

Voltando ao problema da inflação, desta vez relacionando-o com o sucesso da política econômica da Bolívia, o presidente José Sarney argumentou que não há termo de comparação entre os dois países, a começar de suas populações. O Brasil tem 140 milhões, a Bolívia apenas 6,7 milhões de habitantes. E tornou a afirmar: «Não há choque econômico».

Chegada

O presidente José Sarney desembarcou ontem em Brasília, procedente de La Paz, Bolívia, às 13h20, uma hora antes do previsto, porque desistiu de fazer uma escala em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Ao pé da escada do avião presidencial, o deputado Ulysses Guimarães, com um aperto de mão, selou a transmissão do cargo e em seguida, juntos, ouviram o Hino Nacional e passaram em revista as tropas ao som de salvos de tiros de canhão.

Sarney estava risonho, demonstrando bom humor, e desculpou-se dos repórteres que queriam entrevistá-lo, dizendo já ter participado de um café da manhã com jornalistas brasileiros em La Paz. Ulysses também estava bem humorado. Minutos antes do desembarque, ele disse que apenas uma pessoa era indispensável na Base Aérea naquele momento, referindo-se à presença de quase todo o Ministério na cerimônia de boas-vindas: ele próprio. «Se eu não estiver, Sarney vai pensar que estou passeando por aí com a Presidência da República», comentou.



Aldori Silva

Ao retornar da Bolívia, Sarney garantiu que zera o déficit público para seu sucessor